



# Universidade: presente!

**UFRGS**  
PROPEAQ



## XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	“Minha rua, minha casa”: a população de rua e a produção de outros modos de habitar a cidade
<b>Autor</b>	JACINTA ANTONIOLLI TESTA
<b>Orientador</b>	CAROLINA DOS REIS

**Título:** “Minha rua, minha casa”: a população de rua e a produção de outros modos de habitar a cidade

**Autora:** Jacinta Antonioli Testa

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina dos Reis

**Instituição:** Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional – UFRGS

A prefeitura de Porto Alegre apresentou, no ano de 2018, o Plano Municipal de Superação da Situação de Rua, composto por diversas estratégias direcionadas ao povo da rua. Entretanto, a construção de tal medida não foi fruto da discussão e da participação dos moradores de rua e, embora seja amplamente criticada pelos movimentos e pelas lideranças dessa população, segue em andamento. Esse descaso nos mostra que, apesar do crescente número de moradores de rua na cidade de Porto Alegre, o poder público, além de promover e permitir constantes violências e remoções, mantém-se distante das demandas do grupo quando se trata de políticas públicas, silenciando suas experiências e dificultando sua participação nas tomadas de decisões sobre o acesso à cidade e à moradia. A escuta das demandas da população de rua torna-se ainda mais necessária no ano de 2019, em que ocorrerá a rediscussão do Plano Diretor de Porto Alegre – lei municipal que define as diretrizes para a gestão do espaço urbano. Impulsionados pela revisão dessa lei, um conjunto de movimentos sociais relacionados à luta pela democratização da cidade, do qual fazemos parte, iniciou um processo de articulação de suas pautas, visando unificar sua militância, aproximar a população do debate e atentar para grupos negligenciados pelo poder público. Para que essa discussão seja feita de maneira horizontal e com participação popular, é fundamental que a população de rua faça parte desse diálogo. Tendo em vista esse cenário, a presente pesquisa, que compõe o projeto “Práticas de militância e a construção de modos comuns de habitar a cidade”, vinculado ao Núcleo de Estudos em Políticas e Tecnologias Contemporâneas de Subjetivação (E-Politics), tem por objetivo analisar como a população de rua resiste aos modos hegemônicos de habitar a cidade. Para isso, buscamos problematizar o que se reconhece como modo de morar mais legítimo, bem como estudar os repertórios de ação e militância da população de rua, atentando para as suas estratégias frente à violência cotidiana e para a sua organização enquanto coletivo. Para tanto, direcionamos nosso estudo ao Jornal Boca de Rua, publicação produzida inteiramente pela população em situação de rua, com apoio da Agência Livre para Informação Cidadania e Comunicação (Alice). O jornal é uma ferramenta do povo da rua para discussão sobre os usos do espaço urbano e sobre as políticas de gestão da cidade de Porto Alegre, além de servir como geração de renda para o grupo envolvido na confecção e na venda do jornal. Tomamos como material de análise, assim, os jornais impressos durante o período de 2016 a 2018, totalizando 12 edições. Além disso, estamos buscando inserção no processo de produção e discussão do Jornal Boca de Rua e do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR/RS), a fim de compreender as demandas e a luta do grupo. A partir das análises iniciais dos materiais, reconhecemos a potência do Jornal Boca de Rua, que se estabelece como um movimento de resistência por si só, na medida em que sua produção constitui diferentes relações de formação política e cidadã dos participantes, além da autonomia promovida pela geração de renda. Em contraponto aos modos hegemônicos individualizantes de habitar a cidade, notadamente reforçados pelo cenário anteriormente descrito, as estratégias desenvolvidas pela população de rua, tanto as cotidianas quanto as que dizem respeito à organização enquanto movimento, produzem diferentes concepções de cidade e moradia, tornando possível a construção democrática do espaço urbano.